TRADITORI
Literatura . Dramaturgia . Género

TRADUCCIÓN

"La casa de los muertos" de Júlia Lopes de Almeida

"A casa dos mortos" *de Júlia Lopes de Almeida*

Felipe Krul Bettiol
Doutorando em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Faz parte do grupo de pesquisa "Literatura em rede" (CNPq) e do projeto de pesquisa "A prosa de ficção brasileira dos anos 1920: história literária e editorial" (UFPR).

ISSN: 3100-9433 | Número 2 | Resistencia | Julio-noviembre

CC BY NC ND

Recibido: 30/08/2025
Aceptado: 03/10/2025

Introdução

Júlia Lopes de Almeida, uma das grandes figuras literárias de sua época, construiu uma obra vasta e diversificada que abrange romances, novelas, contos, crônicas e peças teatrais, e seus textos circularam amplamente em importantes jornais do início do século XX. Entre seus trabalhos mais notáveis estão o romance A falência (1901), que retrata o colapso econômico e moral da burguesia no pós-abolição da escravidão, e a coletânea de contos Ânsia eterna (1903), na qual se destacam três temas recorrentes: morte, amor e maternidade (Figueiredo, 2014).

A narrativa "A casa dos mortos", parte integrante do conjunto supracitado, explora os temas fundamentais da obra pelo viés do fantástico (Bettiol, 2023), e, não somente por esse motivo, é uma particularidade na produção de Almeida. O conto se diferencia e se destaca dos demais textos da autora também por explorar certa poeticidade que se reflete, para além das escolhas lexicais, na composição rítmica do texto. Não à toa, o conto é dedicado à poetisa Francisca Júlia da Silva, autora de Mármores (1895).

Se o uso do fantástico aproxima a autora de nomes como Álvares de Azevedo e Machado de Assis, autores mais do que canônicos, Júlia Lopes de Almeida enfrentou o apagamento de sua trajetória na história literária brasileira. Embora tenha participado inclusive da concepção da Academia Brasileira de Letras, foi impedida de integrar a instituição pelo simples fato de ser mulher, fator que contribuiu para sua marginalização historiográfica.

Portanto, esta tradução, feita principalmente a partir dos pressupostos teóricos de Britto (2012), insere-se em um movimento de resgate e resistência que busca o reconhecimento da obra da autora, ampliando sua recepção para leitores que têm o espanhol como língua.

Conto original

"A casa dos mortos" A Francisca Júlia da Silva

Que frio e que negrume!

E eu ia andando no meio da treva, corajosa e firme, em busca daquela que me deu a vida, que me criou nos seus seios, que me enchia as faces de beijos e me vestia a alma de alegrias. Eu estava agora faminta, mal vestida, mal consolada, cheia de mágoas, saudosa do seu afago quente e doce, da sua palavra cheirosa como o mel da abelha em tronco de especiaria.

E fui andando na treva, seguindo uns passos que eu ouvia, não sei de quem, não sei para onde.

Nem uma estrelinha orientadora; tudo era mudez; só aqueles passos diante de mim: tan, tan, tan, tan, como marteladas através de uma parede grossa!

E fui, sem medo, até que os passos pararam e uma porta se abriu sem rumor, larga e macia. Veio uma rajada; encostei-me ao umbral e divisei então, a uma luz frouxíssima, uns vultos mal definidos, quase apagados.

Perto de mim um homem, embuçado como um esquimó, tirou da cabeça um fardo e pousou-o no chão; depois, voltando-se, disse-me com uma voz soluçada como o vento na ramaria de um salgueiro:

– Por que vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vai-te embora! A estrada negra é proibida aos vivos; és o primeiro que a percorre toda sem ter morrido...

Sombras esparsas iam tomando formas humanas e vinham curiosas, lentas, resvalando, debruçarem-se sobre o meu corpo, em atitude de espanto. Eu resistia ao pavor e sôfrega perscrutava tudo, em busca daquela que me deu a vida, que me enchia as faces de beijos, que me embalava com as suas palavras mais cheirosas que o mel das abelhas em tronco de especiaria.

– Quem procuras? perguntou o mesmo homem, cujos traços eu não percebia sob a projeção do capuz.

– Minha mãe.

O som da minha voz fez fugir em revoada todas aquelas figuras de névoa, como a badalada de um sino em torre coberta de passarinhos. Eu mesma tremi, estranhando a vibração das minhas palavras, tal a clareza e a vida da minha voz ecoando entre os fracos murmúrios das outras, de um tênue sopro de brisa.

Então lá do fundo, do meio de um amontoado de novelos alvadios que se dissipavam aqui para se ajuntarem acolá, a minha mãe veio até mim, sorrindo, com o seu vestido caseiro, a sua bela carne rosada, gorda e fresca como nos tempos em que eu repousava no seu largo seio a minha cabeça sonhadora e febril, e ela me alisava os cabelos com as suas mãos formosíssimas.

Radiante, atirei-me para beijá-la; ela, porém, sempre tão pronta em receber os meus carinhos, paralisou-me com um gesto:

– Não me toques! não me beijes! Todo o meu corpo se desfaria ao mais leve contato... Terias horror da minha carne e desmaiarias se os meus lábios se unissem aos teus. Para que vieste procurar-me? Foge, meu amor, o teu lugar é lá, na vida, na febre, na luz, no sofrimento. Vai sofrer. Saudades? tinhas saudades? Pobrezinha! Esquece; não há nada que valha o esquecimento. Eu nunca te apareceria, se não viesses procurar-me. Fizeste mal ao meu repouso, porque, vendo-te, eu não te posso apertar ao meu seio! E as tuas irmãs! E Ele?!

Eu chorava; e não perdia um só dos seus gestos. Lembro-me de que ela quis dar-me uma fruta, e que sorriu depois com amargura, vendo desfazer-se entre os seus dedos lívidos a fruta que me estendia.

– Até os mortos têm ilusões... eu esquecia-me... disse ela com a sua voz tão outra, apenas audível, como um murmúrio de vento muito ao longe...

Então eu vi, eu vi que todas aquelas sombras flutuantes cercavam o fardo que o homem de capuz pousara no chão; eram dois caixões com defuntos; em um ia uma virgem, no outro um homem... Ela era branca e fina, com umas madeixas

negras sobre a túnica pálida e uma haste de nardos nas mãos postas em cruz. Ele era igualmente pálido,
e moço, e belo, com a sua linda cabeça loira pousada em violetas.
A Morte, em pé, muito alta e muito esguia, diante dos dois caixões, lançava-lhes uma bênção vagarosa, larga, com dizeres que eu não entendia.
Minha mãe explicou-me:
– Só o amor perdura além da morte. Aquilo é a celebração de um noivado. Os dois corpos ficaram lá embaixo, intactos, rígidos, mas aqui as duas almas estarão sempre unidas; e se voltarem à terra voltarão juntas e para o mesmo laço. Serão eternamente presas uma à outra; almas felizes, raras! Vês? Quem não amou na vida não tem nem a doçura da saudade para amenizar-lhe a tristeza deste exílio. Repara para as virgens sem noivos; que ar de lamento que elas têm! Essas nunca voltarão à terra, porque da vida não trouxeram lembrança. Só quem amou traz para o mistério da morte um aroma de sonho. Tudo mais é poeira que o vento leva, e espalha, e não se torna a encontrar... Vai-te embora!
Os olhos de minha mãe tinham um brilho de lágrimas, e eu estendi-lhe os braços ansiosos, e logo o seu corpo se tornou imaterial, diáfano, como se de névoa fosse. Então o homem do capuz, cujas feições não vi, pegou-me pela mão e trouxe-me para fora, para
a estrada, onde eu caminhei entre duas longas filas de ciprestes negros e de anêmonas roxas. Caminhei, caminhei, sem sentir o solo sob os passos cansados; e quando abri os olhos deste estranho sonho tinha o rosto coberto de lágrimas e as mãos em cruz sobre o coração.

Conto traduzido

"La casa de los muertos" A Francisca Júlia da Silva

¡Qué frío y qué oscuridad!

Y yo iba caminando en medio de la tiniebla, valiente y firme, en busca de aquella que me dio la vida, que me crio en sus senos, que me llenaba el rostro de besos y me vestía el alma de alegría.

Yo ahora estaba hambrienta, mal vestida, mal consolada, llena de penas, extrañando sus caricias cálidas y dulces, sus palabras fragantes como la miel de abeja en tronco de especia.

Y fui caminando en la tiniebla, siguiendo unos pasos que yo oía, no sé de quien eran, no sé para donde iban.

Ni una estrella guía; todo era mudez; apenas aquellos pasos delante de mí: tan, tan, tan, tan, ¡como martilladas a través de una pared gruesa!

Y fui, sin miedo, hasta que los pasos se detuvieron y una puerta se abrió sin ruido, ancha y suave. Vino una ráfaga; me apoyé en el umbral y distinguí entonces, a una luz debilísima, unas figuras mal definidas, casi apagadas.

Cerca de mí un hombre, encapuchado como un esquimal, se quitó de la cabeza una carga y la posó en el piso; después, dándose la vuelta, me dijo con una voz sollozada como el viento en las ramas de un sauce:

– ¿Por qué viniste detrás de mí? Esta es la casa de los muertos. ¡Vete de aquí! El camino negro es prohibido para los vivos; eres el primero que lo recorre todo sin haber muerto…

Sombras dispersas iban tomando formas humanas y venían curiosas, lentas, resbalándose, a inclinarse sobre mi cuerpo, en actitud de espanto. Yo me resistía al pavor e impaciente escudriñaba todo, en busca de aquella que me dio la vida, que me llenaba el rostro de besos, que me arrullaba con sus palabras más fragantes que la miel de las abejas en tronco de especia.

– ¿A quién buscas? preguntó el mismo hombre, cuyos rasgos yo no podía ver bajo la sombra de la capucha.

– A mi madre.

El sonido de mi voz hizo huir en revuelo a todas aquellas figuras de niebla, como la campanada en una torre cubierta de pájaros. Yo misma temblé, frente a la

rareza de la vibración de mis palabras, tal era la claridad y vida de mi voz resonando entre los débiles murmullos de las demás, de un tenue soplo de brisa. Entonces del fondo, del medio de un amontonado de ovillos blancuzcos que se disipaban aquí para juntarse allá, mi madre vino hacia a mí, sonriendo, con su vestido casero, su bella carne rosada, gorda y fresca como en los tiempos en que yo reposaba en su ancho seno mi cabeza soñadora y febril, y ella me alisaba los cabellos con sus manos hermosísimas.

Radiante, me lancé para besarla; ella, sin embargo, siempre tan lista para recibir mis cariños, me paralizó con un gesto:

– ¡No me toques! ¡no me beses! Todo mi cuerpo se desharía al más leve contacto... Sentirías horror de mi carne y te desmayarías si mis labios se unieran a los tuyos. ¿Para qué viniste a buscarme? Huye, mi amor, tu lugar es allá, en la vida, en la fiebre, en la luz, en el sufrimiento. Ve a sufrir. ¿Nostalgia? ¿Tenías nostalgia? ¡Pobrecita! Olvide; no hay nada que valga más que el olvido. Yo nunca me aparecería, si no vinieras a buscarme. Incomodaste mi descanso, porque, viéndote, ¡no puedo apapacharte! ¡Y tus hermanas! ¡¿Y Él?!

Yo lloraba; y no perdía ninguno de sus gestos. Recuerdo que ella quiso darme una fruta, y que sonrío después con amargura, viendo deshacerse entre sus dedos lívidos la fruta que me ofrecía.

– Hasta los muertos tienen ilusiones… se me olvidaba… dijo ella con su voz tan otra, apenas audible, como un murmullo de viento muy a lo lejos…

Entonces yo vi, yo vi que todas aquellas sombras flotantes rodeaban la carga que el hombre de capucha había posado en el piso; eran dos ataúdes con difuntos; en uno iba una virgen, en el otro un hombre… Ella era blanca y fina, con unos mechones negros sobre la túnica pálida y un ramo de nardos en las manos puestas en cruz. Él era igualmente pálido, y joven, y bello, con su linda cabeza rubia posada en violetas.

La Muerte, de pie, muy alta y muy esbelta, ante los dos ataúdes, les echaba una bendición lenta, larga, con refranes que yo no entendía.

Mi madre me explicó:

– Sólo el amor perdura más allá de la muerte. Aquello es la celebración de un noviazgo. Los dos cuerpos se quedaron abajo, intactos, rígidos, pero aquí las dos almas estarán siempre unidas; y si vuelven a la tierra, volverán juntas y para el mismo compromiso. Serán eternamente atadas una a la otra, ¡almas felices, raras! ¿Ves? Quien no amó en vida no tiene ni la dulzura de la nostalgia para amenizarle la tristeza de este exilio. Observe a las vírgenes sin novios; ¡que aire de lamento tienen! Esas nunca volverán a la tierra, porque de la vida no trajeron recuerdos. Sólo quien amó trae para el misterio de la muerte un aroma de sueño. Todo lo demás es polvo que el viento se lleva, y esparce, y no se vuelve a encontrar… ¡Vete!

Los ojos de mi madre tenían un brillo de lágrimas, y yo le extendí los brazos ansiosos, y pronto su cuerpo se volvió inmaterial, diáfano, como si de niebla fuera. Entonces el hombre de capucha, cuyas facciones no vi, me tomó de la mano y me trajo para afuera, para el camino, donde yo caminé entre dos largas filas de cipreses negros y anémonas moradas. Caminé, caminé, sin sentir el suelo bajo los pasos cansados; y cuando abrí los ojos de este extraño sueño tenía el rostro cubierto de lágrimas y las manos en cruz sobre el corazón.